

MÉTODOS MISTOS EM PESQUISA DE INSTITUIÇÕES TOTAIS

Data de aceite: 02/06/2023

Aline Prado Atassio

Doutora em Ciências Sociais. Professora
– UESC

Humberto José Lourenção

Doutor em Ciências Sociais. Pós-
doutorado em Ciências Militares

RESUMO: A utilização de métodos de pesquisa mistos em Ciências Sociais é tida como amplamente benéfica e recomendável. Porém nem sempre ela é realizada, seja pelo purismo das áreas, seja por falta de domínio das técnicas pelos pesquisadores. O presente trabalho procura demonstrar o valor da utilização de métodos mistos através do estudo do processo de construção de uma tese de doutorado que utilizou a triangulação de dados obtidos a partir de diferentes métodos de pesquisa. O objeto da tese foi uma instituição total, a Escola de Sargentos das Armas (EsSA) do Exército Brasileiro, um caso que acarretou desafios singulares, tanto por ser uma instituição total como por ser uma instituição militar. Os resultados levantados nesta tese só foram possíveis graças à junção de diferentes metodologias: referências bibliográficas com dados primários e

secundários, entrevistas semiestruturadas e pesquisa de campo de natureza etnográfica. Tal conjugação de metodologias suscitou novas considerações sobre estudos militares, que foi a área específica da tese, e provocou novos debates sobre a interação de métodos distintos em uma mesma pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Métodos Mistos, Pesquisa de Campo, Instituições Totais, Forças Armadas.

ABSTRACT: The use of joint research methods in Social Sciences is widely regarded as desirable and recommended. However, it is not always carried out, either because of the purism of the areas, or because of the researcher's lack of mastery of the techniques. This work seeks to demonstrate the value of using mixed methods through the study of the process of building a doctoral thesis that used the triangulation of data obtained from different research methods. The object of the thesis was a total institution, the Escola de Sargentos das Armas (EsSA) of the Brazilian Army, a case that entailed unique challenges, both for being a total institution and for being a military institution. The results raised in this thesis were only

possible thanks to the interaction of different methodologies: bibliographical references with primary and secondary data, semi-structured interviews and field research of ethnographic nature. This combination of methodologies raised new considerations about military studies, which was the specific area of the thesis, and provoked new debates about the interaction of different methods in the same research.

KEYWORDS: Mixed Methods, Field Research, Total Institutions. Armed Forces.

INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos e a subdivisão das Ciências Sociais em áreas específicas (Sociologia, Política e Antropologia) desde o início da graduação (MICELI, 1989), houve também uma disputa pelas metodologias por parte destas áreas, o que culminou com a criação de nichos de atuação, implicando em um purismo não justificado para a realização de pesquisas. A antropologia pegou para si a etnografia, a Sociologia ficou com as entrevistas e a Ciência Política optou pela utilização em larga escala do método quantitativo. Em comum, todas as áreas realizam a revisão bibliográfica. Aos discentes, a especialização excessiva em uma área trouxe os benefícios do maior domínio de conteúdo teórico específico, porém o domínio de métodos distintos deixou de ser uma característica dos estudantes de Ciências Sociais.

A redação deste texto traz uma provocação: utilizaremos a primeira pessoa do plural, recurso aceito na Antropologia, porém não muito utilizado na Ciência Política, que utiliza majoritariamente a redação impessoal. Acreditamos que as vozes presentes no texto precisam ser caracterizadas e não há implicações decorrentes do processo de pessoalização, uma vez que o objetivo do texto se fundamenta em um relato de caso pessoal.

A impessoalidade recomendada pelos teóricos na abordagem do texto acadêmico é uma busca pela desvinculação do autor com o trabalho, uma constante procura por impessoalidade, apagando o princípio da autoridade de quem propõe uma solução para o problema investigado. “A autoria imprime força à solução, na medida em que expressa a responsabilidade e o comprometimento do pesquisador com os resultados alcançados” (OLIVEIRA, 2015, p.4).

Desta forma, partiremos aqui de um relato de pesquisa. Isso porque pretendemos defender os métodos mistos e a interdisciplinaridade como forma de realização de uma pesquisa mais completa e frutífera, e isso implica também na revisão de como o pesquisador se coloca perante sua própria produção.

É inegável que há uma tensão histórica entre os métodos quantitativos e qualitativos. Diversas correntes surgiram ao longo da história das Ciências Sociais defendendo os usos e abusos de determinadas técnicas de obtenção e análise de dados. Bryman (1984) e Morgan (2007), afirmaram que o debate entre métodos é ontológico e epistemológico:

De um lado, tem-se a visão positivista de que os métodos e técnicas das

Ciências Humanas devem aproximar-se daqueles das Ciências Naturais. De outro, os seguidores do interpretativismo defendem que as Ciências Naturais e Sociais constituem abordagens distintas e, por isso, requerem métodos específicos. Estudar um componente químico em um laboratório é totalmente diferente da investigação dos fenômenos sociais. Para a posição interpretativista, existe uma diferença fundamental entre os mundos natural e social: o significado. Por isso, a realidade social deve ser interpretada. Na tradição sociológica alemã, o termo *Verstehen* é utilizado como sinônimo de compreensão/interpretação. Dessa forma, o principal componente da abordagem hermenêutica é o significado subjetivo das ações (Marsh; Furlong, 2002: 24)" (PARANHOS, 2016, p.388).

A combinação de técnicas quantitativas e qualitativas são atualmente vistas com excelentes olhos, porém são poucos os trabalhos que se valem de multimétodos. Para que um conhecimento receba a caracterização de científico é de fundamental importância a sua verificabilidade. Assim, conforme Gil (1999) é essencial determinar as táticas e métodos utilizados pelo cientista que possibilitaram a conclusão de determinado conhecimento. Este texto objetiva mostrar quais são as vantagens da triangulação metodológica, através da exposição da metodologia utilizada para a realização do trabalho de doutorado de um dos autores do presente artigo.

Sobre a metodologia qualitativa, Minayo (1994) afirma que ela proporciona a apreensão de dados não visíveis, aqueles decorrentes da ação humana e do mundo das significações, que podem ser decifrados pela reflexão e interpretação. Na tese a principal estratégia qualitativa utilizada foi a pesquisa etnográfica, através da observação participante, além das entrevistas que foram conduzidas. A observação participante permite ao pesquisador exercer simultaneamente um papel subjetivo, como participante, e um objetivo, como observador, sem que haja a necessidade da armação artificial de um experimento. Da Matta (1978), define o "fazer etnografia" através de dois movimentos contínuos e complementares em que, por um lado, o pesquisador atua transformando o exótico em familiar, na tentativa de compreender um universo de significação diferente do que estamos acostumados; e, por outro, transformando o familiar em exótico, pelo questionamento da prática de pesquisa.

CULTURA INSTITUCIONAL E PROFISSÃO MILITAR

Cultura é tudo o que um povo ou comunidade cultiva: tecnologias, padrões de comportamento, normas, valores e crenças. Este termo pode ser definido como um todo complexo que abarca conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como integrante da sociedade (TYLOR apud KAHN, 1975). Em uma instituição a cultura se manifesta principalmente na forma de crenças compartilhadas, que se refletem nas normas e tradições historicamente constituídas. A cultura de uma instituição também pode ser observada quando materializada em símbolos (insígnias), rituais, uniformes, móveis, edifícios e outros componentes estéticos.

No processo de enculturação ou socialização, ou seja, na transmissão e assimilação da cultura, as novas gerações internalizam os conteúdos culturais provindos pelas gerações anteriores. Trata-se de uma “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER & LUCKMANN, 1978), o que resulta na formação do “Eu”, ou seja, da identidade individual e social.

Toda instituição age para que seus novos membros desenvolvam atitudes e sentimentos coletivos específicos daquela instituição; ou seja, que absorvam sua cultura e passem a reproduzir suas crenças, regras e valores. O propósito final é que os novos membros se ajustem adequadamente, tornando-se dóceis e úteis aos propósitos da organização (ROSA & BRITO, 2010). Pode-se afirmar que o processo de enculturação institucional é uma socialização secundária, na medida em que um indivíduo, já primariamente socializado na sua infância, ao ser introduzido em uma instituição é levado a incorporar novas condutas de rotina, bem como novas atitudes e crenças. Aqui a conduta institucionalizada é aprendida como um “papel”, mas do qual o indivíduo pode se desligar. Ou seja, diferentemente da socialização primária, a secundária não é tão carregada de afetividade. (LOURENÇÃO & MUNIZ, 2013).

Entretanto, esta vivência em termos de papéis sociais, que tende a ocorrer com a maioria das profissões pode não se configurar quando se trata de uma instituição militar aqui entendida como uma instituição total, tal como definida por Goffman, a saber: “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. (GOFFMAN, 1974, p. 11). Dada a proeminência daquilo que é denominada “família militar” sobre o indivíduo, o ser militar pode assumir a função de definir a identidade do indivíduo que buscou a profissão militar. Este passa a depender totalmente da instituição que estrutura e sustenta sua identidade.

Neste contexto, a instituição precede e determina o indivíduo, introduzindo-o “na ordem de sua subjetividade” predispondo as estruturas da simbolização, tanto pela apresentação da lei, como pela disposição dos símbolos e demais referenciais identificatórios. Assim, uma parte do indivíduo não lhe pertence propriamente, mas às instituições sobre as quais se apoia. (KAËS, 1991). Ou seja, por um lado, a instituição permite realização pessoal e prazer, mas por outro, gera sofrimento e frustração, principalmente devido ao incitamento à competição e ao desempenho de excelência, típico da profissão militar, sem a contrapartida do desenvolvimento do sujeito como ser ativo na construção de sua história. (LOURENÇÃO & MUNIZ, 2013). Trata-se do sofrimento psíquico associado à diminuição do espaço psíquico do sujeito, em que ocorre a prevalência do instituído sobre o instituinte, com o brutal desenvolvimento burocrático da organização e todo seu peso repressivo e denegador. (KAËS, 1991).

De acordo com Janowitz (1971, p. 175), a “missão” fundamental da profissão militar seria o manejo, emprego e/ou administração da força “que constitui monopólio do

governo nacional”. A profissão destes especialistas no uso da força é fruto de um intenso processo de socialização secundária, que ocorre em instituições relativamente isoladas e autônomas em relação ao mundo exterior - o que contribuiria para uma grande coesão interna, o denominado “espírito-de-corpo”, e para o distanciamento do mundo civil. Dessa forma, a profissão militar, segundo Janowitz, é mais do que uma ocupação - é todo um estilo de vida - e o oficial militar faz parte de uma comunidade cujas exigências sobre sua existência diária transcendem seus deveres formais e ocupacionais. Nesta perspectiva, a própria regulamentação minuciosa do estilo de vida militar teria o fim de realçar a coesão grupal, a lealdade profissional e manter o espírito marcial. (JANOWITZ, 1971).

Por fim, se, de acordo com Janowitz (1971), toda profissão se atribui uma importância maior do que os outros estão dispostos a conceder-lhe, nas Forças Armadas esta autoatribuição é potencializada ao extremo. Aqui há um imenso esforço institucional de comunicação social para impactar positivamente sua imagem para o público interno, através de um poderoso e sofisticado processo de endomarketing que é tão vasto ou ainda maior do que aquele elaborado para o grande público¹. (LOURENÇÃO & MUNIZ, 2013).

A CONSTRUÇÃO DA TESE: ETAPAS DE UM ARTESANATO INTELECTUAL

A tese de Aline Atassio, realizada no extinto Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), objetivava em um primeiro plano descobrir quem eram e o que desejavam os futuros sargentos, formados pela Escola de Sargentos das Armas (EsSA) do Exército Brasileiro (EB). A primeira pergunta poderia facilmente ser respondida pela análise de dados quantitativos sobre o perfil dos alunos da Escola. No entanto, responder o que pensavam era algo extremamente mais complexo e exigiria, portanto, métodos diversificados.

O trabalho foi inédito e ainda é uma das pouquíssimas produções que aborda o estamento “sargentos”, em comparação aos trabalhos sobre oficiais, bem mais volumosos na área de estudos militares e estratégicos. Outro ponto a ser considerado é o de que são poucos os trabalhos acadêmicos que tratam da instituição militar como um objeto legítimo de análise por si mesmo; a maioria dos trabalhos tem por objeto o papel dos militares na política brasileira, principalmente em razão de intervenções armadas na política. Disso resulta a “paysanização” dos militares, “despindo-os da forte marca da instituição castrense”. (COELHO, 1985, p. 5). Entretanto, a relação civil-militar não é só de caráter político, mas também de ordem psicossocial, e a presente pesquisa se propôs a desvelar um pouco deste ser “estranho” para a óptica civil.

Esse desvelamento, além de pode contribuir com a melhoria das relações civis-militares, pode também promover o autoconhecimento do cadete e do oficial militar pois, de acordo com Romanelli (1998), a organização de experiências a serem expressas a

¹ Um estudo dos valores e atributos militares que formam uma autoimagem muito positiva do ser militar encontra-se em Lourenção & Muniz, 2013.

um interlocutor que não emite julgamentos, apenas interessado em ouvi-las e que vai se tornando íntimo, apesar da alteridade sempre presente, induz o falante a recuperar aspectos de sua biografia poucas vezes comentados, sendo estimulado a ver sua própria realidade de ângulos diferentes e a reencontrar fragmentos de uma identidade esquecida ou oculta de si próprio.

Dentre os enfoques do texto estavam a recuperação da história dos sargentos, a formação desses ao longo do tempo e o cotidiano dos alunos da EsSA. Por ser um trabalho sem precedentes, exigiu pesquisa para além da bibliográfica, tendo em vista a escassez de fontes bibliográficas disponíveis sobre o assunto. Isto impeliu a pesquisadora a ir aos arquivos da Instituição, que naquela ocasião ainda não possuía acervo digitalizado. A tese, deste modo, utilizou as pesquisas bibliográfica e documental.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica consiste em um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados relacionados ao tema, tem como fundamento as fontes secundárias e como finalidade proporcionar ao pesquisador o contato direto com tudo que já foi escrito sobre o tema. Já a pesquisa documental tem como característica a restrição a documentos para a fonte de coleta de dados, que constituem as fontes primárias. As fontes secundárias utilizadas no estudo configuraram, em sua maioria, artigos que abordam a temática central da pesquisa.

O estudo apresenta estatísticas que retratam a origem social dos alunos, pesquisas de campo (no plural porque foram três incursões à EsSA) com o objetivo de apreender o cotidiano da Escola e por fim as entrevistas, que apresentam as histórias dos alunos e suas aspirações com a carreira.

Pontua-se aqui que as Forças Armadas (FFAA) se inserem entre as instituições totais, pois são instituição que impossibilitam aos indivíduos a ela submetidos uma interação social livre de seus preceitos, uma vez que constituem uma estrutura organizacional e instância reguladora das práticas dos seus agentes. Por isto, exerce nestes, através das condições e da disciplina que submete seus integrantes, uma ação formadora de disposições duráveis².

Podemos dizer que o Exército impõe a todos aqueles que dele fazem parte um princípio comum de visão e divisão, ou seja, “estruturas cognitivas e avaliativas idênticas” (BOURDIEU, 2001, p.210). De acordo com Goffman (2001, p.11), as instituições totais “são locais de residência e de trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um período considerável de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”. O autor ainda define cinco tipos de instituições totais, estando as Forças armadas classificadas como a tipo D, as erigidas com a intenção de realizar de um modo mais adequado alguma tarefa instrumental, tais como: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias. Sendo assim, o

² Disposições são aqui entendidas como “atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão”. (BONNEWITZ, 2003, p.77).

trabalho proposto não se daria em ambiente livre e amistoso, onde imperariam preceitos democráticos. Os fatores complicadores atraem pesquisadores, não é mesmo?

A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A escolha do objeto estudado nesta pesquisa não foi um acaso. Ao realizar um mapeamento da bibliografia sobre estudos militares, seja no Brasil ou no exterior, a autora da tese não encontrou referências consistentes sobre a formação de sargentos, suas atribuições e sua história. Assim, a opção pelo estudo da Escola de Sargento das Armas tinha objetivos claros: conhecer uma das duas instituições do EB que formam sargentos do Brasil³, realizar um mapeamento socioeconômico dos indivíduos que ingressam na instituição, acompanhar um pouco do cotidiano da Escola e entrevistar os futuros sargentos para tomar ciência das motivações e aspirações com a carreira escolhida.

Há ponto positivo e negativo nesta escolha. O ponto negativo é não ter bibliografia na qual se amparar. O trabalho foi todo construído como um artesanato, um bordado em papel, ponto por ponto – ou palavra por palavra - em criação livre.

Como guia, portanto, poucas literaturas falando sobre sargentos fora do país e que não correspondem à realidade brasileira e muita pesquisa histórica, garimpando em autores variados, cujo tema principal não consistia no estudo de sargentos, porém que necessariamente passavam pela constituição do EB, das Forças Armadas, tendo em vista que é impossível trabalhar qualquer período da história do país sem aludir ao papel dos militares. Assim, autores como Alfred Stepan, José Murilo de Carvalho, Francisco Doratioto, Boris Fausto e Vanda Ribeiro da Costa foram utilizados. Também imergimos em leituras sobre oficiais, para compreender o *habitus*⁴ e o *ethos*⁵ dessa parcela das FFAA. Autores como Celso Castro, Piero Leirner, Samuel Huntington, Morris Janowitz e Charles Tilly foram fundamentais.

A questão teórica foi abordada com auxílio de Bourdieu, autor polêmico, uma vez que é amado ou odiado, todavia o objetivo de uma tese não é evitar debates e não apenas optamos por enfrentar todos os possíveis problemas que tal abordagem pudesse causar - e causou, inclusive na banca de defesa – como a autora da tese defendeu a instituição do termo capital militar em artigo publicado posteriormente⁶.

Em relação às fontes primárias, parte substancial do acervo de arquivos sobre militares encontra-se no Rio de Janeiro e é preciso tempo, dinheiro e autorização institucional

3 A outra escola responsável pela formação de praças encontra-se localizada no Rio de Janeiro.

4 Habitus é entendido aqui conforme literalmente definido por Bourdieu (2007a) “sistemas de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o controle expresso das operações

5 Ethos: O habitus contém em si o ethos, variável importante para compreendermos melhor esse processo de socialização militar, e que corresponde a normas e valores morais que regulam a conduta cotidiana de maneira inconsciente. 6 Cfr: ATASSIO, Aline Prado. A formação profissional dos militares e a lógica da distinção hierárquica. Saberes em Perspectiva, v. 5, p. 1-12, 2015.

para realizar uma pesquisa nestes locais. Garantido, apenas o acesso ao arquivo da EsSA, localizada em Minas Gerais. Ainda assim, foi dali que a pesquisadora conseguiu retirar a maior parte do material que utilizamos para reconstruir a história dos praças⁷, e consequentemente dos sargentos, no Brasil. O arquivo não havia sido estudado ainda, portanto trabalhar com ele foi de suma importância. Todavia o trabalho, olhado hoje com a distância que só o tempo proporciona, deixou a sensação de uma história extremamente oficial, ou seja, institucional.

Já o aspecto positivo da ausência de bibliografia é desbravar caminhos e abrir o campo tornando-se uma nova fonte bibliográfica, desde que o trabalho seja adequadamente realizado. Isso implica sofrer inúmeras críticas, e de fato elas vieram, positivas e negativas. No caso da tese de Atassio, tanto a crítica externa quanto sua autocrítica convergem: o trabalho reflete excessivamente o que a instituição gostaria que fosse passado de sua história, carecendo de novas fontes e novos estudos, mais profundos e abrangentes, provavelmente com dados que só seriam obtidos em arquivos que mostrasse os bastidores da construção da instituição, de sua mudança do RJ para MG, das transformações das exigências de acesso, entre outras questões.

No entanto, a autora ainda considera de grande valia os capítulos que versam sobre a história dos praças e a constituição da Escola, bem como admite que foi a parte mais difícil de construir no texto. São os ônus e bônus do ineditismo.

AS ESTATÍSTICAS

Como exposto por Creswell (2012), os dados quantitativos são compostos em essência por números e indicadores, e estes são analisados por meio de estatísticas. No caso da tese, o objetivo maior foi encontrar frequência e média. As estatísticas, postas em gráficos, nos dão informações úteis, rápidas, precisas e confiáveis quando bem realizadas e expostas, além de garantir objetividade. Na confecção da tese, não foi preciso realizar a coleta dos dados, uma vez que a instituição forneceu os arquivos contendo as estatísticas que traçavam o perfil dos alunos da EsSA nos últimos dez anos (2000-2010). O levantamento da composição socioeconômica dos sargentos é particularmente importante na medida em que incide sobre uma parcela significativa do Exército que não havia sido estudada até então.

Existe, de fato, na literatura, algumas menções sobre este assunto, todavia, remetem-se há tempos anteriores ao regime militar e em alguns casos retroagem até a Guerra do Paraguai. Analisando dados sobre as FFAA na Primeira República, José Murilo de Carvalho (1978) asseverou que, na história dos exércitos europeus, quando o grau de profissionalização e especialização não era ainda elevado, o recrutamento representava

7 Não obstante o uso correto seja o pronome feminino "as praças", como mostrado por vários autores, opto nos meus trabalhos por utilizar o pronome masculino, em respeito aos meus "nativos", que referiam-se à si mesmos como os praças.

importante variável, pois por meio dele era estabelecida a relação do exército com a estrutura de classes da sociedade. Para este autor o Brasil preservou a estrutura do exército português, o que explicaria a composição do exército brasileiro.

Ainda de acordo com estudos de Carvalho (op.cit, p.186), “o recrutamento militar favorecia a entrada para o oficialato de representantes de grupos sociais dominantes pelo prestígio, pela riqueza ou pelo poder”. O recrutamento endógeno também foi uma realidade no Império e a organização militar acabava por fechar-se em si mesma. A realidade modificara-se durante a Primeira República, período no qual o autor acredita que muitos oficiais eram recrutados entre as famílias mais pobres que buscavam no exército um meio de ascensão social:

Alguns, como os Távora, confessadamente entraram para o exército como a única maneira de prosseguir os estudos, uma vez que as rendas familiares eram insuficientes. Quando Leitão de Carvalho manifesta intenção de ingressar no exército, seu professor lhe pergunta se o motivo é falta de dinheiro (Carvalho, 1978, p.187).

Entretanto, o autor afirma que o recrutamento endógeno em 1962 e 1966 era tenaz e o exército continuou tendo entre seus oficiais uma grande parcela de filhos de militares. Em resumo, Carvalho nos diz que o recrutamento de oficiais do exército evoluiu de aristocrático para endógeno e de classe média.

O mais recente trabalho realizado que segue esta linha de pesquisa foi escrito em 1992 por Celso Castro, em artigo intitulado “A Origem Social dos Militares”, onde o autor fez um mapeamento da oficialidade do Exército, a partir de dados obtidos na AMAN, e concluiu que, independente da classe social de origem, a maioria dos alunos da Academia era composta por filhos de militares, porém não do oficialato, mas sim de militares subalternos e praças. Castro também concluiu em seu estudo que 90% dos cadetes dos anos 1980 já haviam vivido experiência militar, seja ela em colégios militares, no colégio naval ou na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx). Sua hipótese é que, dada a pouca idade com que a opção pela carreira militar é tomada, muitas vezes ela é uma decisão familiar e não do indivíduo. Para Castro o “ingresso na Academia Militar represente um claro meio de ascensão social dentro do próprio Exército, com filhos de militares de baixa patente cruzando a principal barreira da hierarquia militar, a que separa praças de oficiais” (CASTRO, 1992, p.229).

Apesar de extremamente reveladora da composição socioeconômica do Exército, e mesmo de seu comportamento social, pesquisa semelhante à de Castro jamais havia sido aplicada às escolas de formação de praças, o que significava que existia uma lacuna nos estudos sobre as origens sociais dos militares brasileiros. Na verdade, ela ainda existe. Trabalho semelhante não foi realizado com cabos e soldados e também não foi com quadros temporários das FFAA.

Tendo em mente a necessidade de preencher parte desta lacuna, a autora debruçou-

se sobre dados colhidos na EsSA com o intuito de mapear a condição socioeconômica dos sargentos do Exército (EB). Todavia, conclui que a análise do capital econômico não era suficiente; era preciso estudar também fatores como idade, região de procedência, grau de escolaridade e principalmente a questão da filiação.

O objetivo era compreender melhor o *habitus* dos alunos da EsSA, antes do ingresso desses na Escola. Tendo mapeado o perfil profissional do pai, bem como o nível educacional e social, a região, religião, a condição militar anterior, estaremos próximos de conhecermos o *habitus* de classe desses alunos em sentido mais amplo, abarcando o aspecto do capital cultural, além de pura e simplesmente olharmos o capital econômico e, assim, entendermos melhor algumas questões de difícil compreensão.

Os resultados desta parte do trabalho foram satisfatórios uma vez que foi possível mapear um perfil socioeconômico dos alunos da Escola. Algumas hipóteses pré concebidas foram derrubadas e sempre é satisfatório perceber que a pesquisa rompeu o senso comum. Outras hipóteses foram corroboradas e seguem válidas até hoje, anos após a defesa. O mais importante foi constatar que os alunos da EsSA não provêm do norte e nordeste, como assinalado pela história do recrutamento no Brasil e sim do Sul e Sudeste. É uma constatação importante afinal nos mostra como a questão cultural interfere na escolha profissional do indivíduo. Sul e Sudeste possuem grande tradição militar e, portanto, o imaginário da população garante maior capital social à ocupação, mesmo no caso de sargentos, que estão na parte de baixo da cadeia de comando de formato piramidal que constitui as FFAA.

Importante também foi descobrir que o recrutamento entre sargentos não é endógeno, como é entre os oficiais, e isso significa que a ascensão social é dada em outro nível, no civil e não no militar, como proposto por Castro ao analisar o recrutamento dos oficiais. Ora, mas por que seria essa uma constatação tão importante? Em uma instituição como a militar, tradições e “vocação” são extremamente valorizadas. Não pertencer à uma família militar e não possuir familiaridade com o *habitus* e o *ethos* da instituição coloca sargentos em posição de inferioridade aos oficiais e isso transborda para uma questão amplamente estudada por quem trabalha com militares: a distinção hierárquica⁸ e a clivagem que separa praças de oficiais.

Não iremos nos estender aqui na divulgação dos resultados pois não é o objetivo do texto. Gostaríamos de ressaltar que a parte do trabalho que analisou estatísticas foi crucial para o texto, um avanço nos estudos sobre militares e resultou em respostas importantes, porém suscitou mais questões, anunciando um campo amplo de estudos que ainda precisa ser desvendado.

Apesar de reveladora, a análise dos dados não respondia questões importantes propostas pelo projeto e uma delas consistia em compreender o que pensam os futuros sargentos combatentes do Exército. Para tanto, a autora precisou de entrevistas, viagens

⁸Para compreender melhor este tema, ver Atassio, 2012; Castro, 1990 e Leirner, 1997a.

e vivência de campo.

A PESQUISA DE CAMPO

Para a pesquisa de campo, somando-se à observação participante, optou-se pelo Relato Oral, através de entrevistas semiestruturadas. O Relato Oral é uma estratégia de pesquisa “que se define por depender da relação entre uma pessoa que pergunta e outra que, detentora da informação, responde à primeira; portanto, através do estabelecimento da empatia o pesquisador torna-se o receptor dos dados que seus informantes lhe passam [...]”. (BIASOLI-ALVES, 1998, p.143). A entrevista cria uma forma de sociabilidade específica, descontínua e temporalmente limitada, em que o estranhamento e alteridade iniciais precisam ser superadas para que o encontro ocorra e a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida. (ROMANELLI, 1998). Tem-se portanto, através do Relato Oral informações sobre atitudes e valores subjacentes ao comportamento e que o ultrapassam - o que possibilita contextualizar o comportamento dos sujeitos, relacionando-o com sentimentos, crenças e valores. (BURKE, 1991; THOMPSON, 1992 apud BIASOLI-ALVES, 1998).

De acordo com Biasoli-Alves (1998, p 145), na entrevista semi-estruturada as questões são abertas, devendo “[...] ‘evocar’ ou ‘suscitar’ uma verbalização que expresse o modo de pensar ou agir das pessoas face aos temas focalizados”; freqüentemente elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos”. Segundo Spink (1993, p. 100), “[...] dar voz ao entrevistado, evitando impor as concepções e categorias do pesquisador, permite eliciar um rico material, especialmente quando este é referido às práticas sociais relevantes ao objeto da investigação e às condições de produção das representações em pauta”.

As entrevistas foram realizadas tendo em mente um questionamento fundamental: o que leva um indivíduo a buscar a profissão de sargento? Esse questionamento garantiu a ramificação da pesquisa em várias outras questões: Quem são estas pessoas que irão compor o quadro de sargentos combatentes do Exército brasileiro? O que pensam da profissão e o que pretendem? De onde vieram e para onde vão? Qual a classe econômica? São filhos de militares? São mais jovens ou estão no limite de idade para servirem? Possuem algum curso superior? Ou seja, fundamentalmente buscou-se compreender sobre o universo de representações sociais de um grupo profissional específico e bem delimitado.

A pesquisa documental ajudara na reconstrução de parte da história, as estatísticas responderam parte das perguntas acima citadas, no entanto, só um bom diálogo responderia o que pensam esses jovens. Para tanto, iniciaram-se as entrevistas na Escola de Sargento das Armas. Todavia, a realização de entrevistas em uma instituição fechada não é tarefa simples. Os trâmites legais burocráticos são muitos, em especial se tratando de instituições

militares.

Dentre os estudiosos de assuntos militares é conhecida a relutância dos militares em falar e em expor o mundo da caserna aos civis⁹. Muitas vezes o pesquisador, desconhecendo os trâmites legais, a hierarquia da cadeia de comando, a estrutura organizacional interna própria às instituições militares, ou seja, o “caminho das pedras”, tem o pedido de autorização para o estudo negado. Não são poucos os casos onde é necessário recorrer inúmeras vezes e por caminhos diferentes para que a aprovação seja liberada. É também sabido que o tempo requerido para a aprovação da autorização pode ser longo e nesta espera o pesquisador passa por questionamentos sobre os objetivos do trabalho, os métodos, a forma de divulgação do conteúdo, ou até perguntas mais pessoais, como, por exemplo, o que levou aquele indivíduo ao estudo dos militares.

Nesta pesquisa a situação não foi diferente: a aprovação levou um ano para sair. Ao elaborar o projeto a pesquisadora enviou imediatamente uma carta ao comandante da EsSA que repassou ao coronel responsável pela área educacional o encargo de me interrogar sobre a pesquisa. Dias após o envio da carta ela recebeu um telefonema deste coronel e respondeu a inúmeras dúvidas que vinham não apenas dele mas especialmente da cadeia de comando da Escola.

Após esta explanação recebeu, via e-mail, a autorização do primeiro escalão da EsSA, ou seja, dos responsáveis pela parte pedagógica da Escola, a aprovação do trabalho, mas este era apenas o primeiro passo. Ao passar pelas instâncias superiores o pedido foi negado e refeito algumas vezes. O coronel¹⁰ responsável pela coordenação pedagógica da EsSA, empolgado com o interesse pela Escola e alegando que nunca um(a) pesquisador(a) havia se interessado por estudá-la, contribuiu para a aprovação pois antes mesmo que a pesquisadora soubesse da reprovação do pedido em alguma das instâncias, ele refazia, por si próprio, a solicitação.

Mas o processo foi lento e tortuoso. Por muitos dias a sensação era de que a pesquisa seria inviável. No entanto, em agosto de 2007, exatamente 12 meses após o envio da primeira carta à Escola, a doutoranda recebeu um e-mail que além de aprovar a pesquisa, exigia que a data da minha visita fosse imediatamente marcada, afinal em novembro o ano letivo terminaria e a turma de 2007 seria substituída por novos alunos. Um ponto importante no trabalho com instituições militares é a flexibilidade que o(a) pesquisador(a) precisa ter. Por ser uma instituição com normas, regras e calendário rígido, não há grandes possibilidades de negociação sobre a data de incursões ao local pesquisado, de forma que estipulada uma data pelos militares, é difícil conseguir alguma mudança. Além disso,

9 Há alguns casos onde o trabalho acadêmico foi interrompido ou teve que adquirir novo rumo graças a resistência dos comandos superiores em autorizarem a entrada de civis na caserna. Um caso exemplar é o ocorrido com Leirner (1997). Em Castro (1990) encontramos outro exemplo sobre as dificuldades que enfrentam os pesquisadores para a realização de suas pesquisas em terreno militar.

10 Os nomes não foram nem serão revelados pois foi parte do acordo entre pesquisadora e instituição para que a pesquisa pudesse ser realizada. O sigilo exigido será respeitado, assim as denominações se darão pela patente e no caso dos alunos, pela idade e arma.

não é possível entrar em alguma instituição fechada sem que seu projeto de trabalho seja avalizado e para cumprir tal meta. Desta forma, a pesquisadora foi aconselhada a entregar um cronograma detalhado com as datas e horas para a realização das entrevistas (que, no final das contas, não foi utilizado, pois os meus horários de trabalho eram definidos pela rotina da Escola, pela disponibilidade de turmas ou mesmo pela boa vontade dos comandos em enviar os alunos à sala de entrevistas). Foi também pedido o envio dos questionários tipo *Survey* que deveriam ser respondidos pelos alunos e o teor das entrevistas que eu realizaria com as turmas e uma oficial temporária estava designada para ser meu elo dentro da instituição.

A partir daquele momento, todas as dúvidas deveriam ser reportadas a esta oficial. A pesquisadora foi alojada no hotel de trânsito da instituição¹¹ e essa tenente a acompanhou durante os mais de quatro anos de pesquisa, auxiliando-a nos pedidos de dados e esclarecendo dúvidas. É importante destacar que a oficial de ligação, ou seja, aquela que ficaria responsável pela integração entre a pesquisadora e a escola, exerceria também a função de monitorar os passos na caserna e o andamento da pesquisa.

As entrevistas foram semidirigidas, ou semiestruturadas uma vez que havia necessidade de perguntas basais para atingir o objetivo da pesquisa e, segundo Manzini (2003) “o roteiro serviria, então, além de coletar as informações básicas, como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante”, sem contudo restringir em absoluto a fala dos entrevistados, mantendo assim a possibilidade do surgimento de novos elementos de análise que não estavam previstos no questionário.

A primeira visita da pesquisadora para aplicação de questionários na EsSA ocorreu em novembro de 2007, estendendo-se por cinco dias. Foi a primeira vez que a Escola recebeu um representante da academia e a recepção foi positiva. A apresentação da pesquisadora era sempre antecedida pela titulação (eles a chamavam de professora, mesmo com as ressalvas que ela ainda era aluna da universidade e não lecionava) e precedida por explicações sobre a natureza da pesquisa. A impressão que teve foi de que todos na escola estavam informados sobre a sua visita e haviam recebido instruções sobre como se portar perante uma “representante da ciência”.

Já na rodoviária, Atassio foi recebida pela tenente, que era a bibliotecária da Escola, como dito acima, e foi o seu elo com os comandos mais altos da instituição. No trajeto entre a rodoviária e a Escola a tenente perguntou bastante sobre a pesquisa e seus interesses. Como chegaram na Escola à noite, Atassio recebeu apenas as orientações imediatas e foi encaminhada ao hotel da Escola. Este seria um ritual que iria se repetir pelas próximas duas visitas.

Na escola a tenente cumpriu a missão que estava incumbida, de apresentar

11 Os Hotéis de Trânsito (HT) são hotéis administrados por organizações militares para atender, principalmente, palestrantes externos àquela Organização Militar. Também serve para hospedar algum militar que está sendo transferido para uma aquela guarnição, bem como hospeda militares em férias. A hospedagem da pesquisadora em um Hotel da própria instituição pode ser entendida como um dado de pesquisa que indica uma boa aceitação de sua presença.

a pesquisadora a todos e acompanhar sua expedição pela Escola, explicando seu funcionamento, os símbolos, os monumentos. Ela foi responsável por informar os horários em que poderia realizar a pesquisa, pois como era período de preparação para a formatura (as aulas já haviam terminado), os alunos tinham um rígido treinamento onde ensaiavam o que seria apresentado dali a 15 dias.

A estrutura hierárquica dentro do Exército não é ignorada pelos estudiosos que pretendem investigar a instituição e ao adentrar os portões da EsSA a pesquisadora pode sentir o peso da hierarquia incidir sobre ela. Foi antes de tudo, apresentada ao general comandante da escola e tiveram apenas um breve momento de conversa, onde expôs o que pretendia encontrar na instituição, os motivos da pesquisa, onde desejava chegar com tal trabalho e os motivos que a levaram a estudar a Escola de Sargento das Armas. Após a ligeira explanação o general desejou uma boa estada na Escola e um bom trabalho e retirou-se, afinal tinha muitos afazeres.

Posteriormente, foi encaminhada à sala do coronel chefe da divisão de ensino, responsável pela parte pedagógica da Escola. Nesta sala foi novamente discutido o teor do trabalho, donde o coronel ia seguindo, página por página, o projeto que estava em seu poder desde que os trâmites com o intuito de ir a campo foram iniciados, e se encontrava grifado em várias partes.

Após fazer algumas inquirições, o coronel revelou que a sua presença na EsSA era uma honra pois nunca antes um civil havia se interessado pela Escola, diferentemente do que ocorre geralmente com as escolas de formação de oficiais, donde saem alguns livros e trabalhos acadêmicos. Quando, em meio à conversa informal, informou sobre a demora de um ano para ter aprovada minha visita à EsSA, o sargento disse que os militares eram muito desconfiados com os civis pois em vezes anteriores ao permitirem o acesso destes nas academias, foram surpreendidos com publicações que não correspondiam à realidade do ambiente e que deturpavam a imagem dos militares

O início dos trabalhos foi árduo. Optou-se por realizar entrevistas em grupo de cinco alunos da mesma Arma, afinal o tempo que eles teriam disponível seria pequeno se acaso tivesse que entrevistá-los separadamente. Desta forma foi possível travar duas horas e meia de entrevista com cada Arma, sendo essas a Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações .

Os alunos não foram voluntários, não obstante os pedidos para que isso se realizasse. Por determinação superior, os cinco melhores alunos de cada turma (ou seja, 01, 02, 03, 04 e 05, na maioria das vezes) foram convocados a comparecer na sala de entrevista em horário pré-determinado pelo coronel chefe da divisão de ensino. Foi interessante constatar o que já havia sido relatado por Castro (1990, p.164): no exército “todos são sempre voluntários”, ou seja, todos estão à disposição do comando superior. Sabendo que as turmas não eram compostas por voluntários, testei a tese de Castro citada acima e perguntei a todas as turmas se eles estavam ali voluntariamente. As respostas eram

sempre que sim, *voluntariamente eles tinham sido escolhidos* pelo desempenho notável.

Contudo, logo que iniciada a sessão de entrevistas percebeu-se que o fato de não serem voluntários não afetava o conteúdo das entrevistas. Para os alunos responder às indagações era como cumprir uma missão qualquer. Com o passar do tempo e o conhecimento da pesquisa, a realização de entrevistas tornou-se mais fácil. As outras duas incursões à Escola foram mais produtivas e menos cansativas, uma vez que tanto cadeia de comando quanto alunos (ainda que estes mudassem anualmente) sabiam da realização da pesquisa e passaram a contribuir com mais tranquilidade.

O fato de estarem autorizados pelos superiores a responderem aos questionamentos e a assinatura do termo de compromisso logo no início das entrevistas, no qual a pesquisadora se comprometia a não revelar nomes, deu aos entrevistados a sensação de que poderiam falar sobre tudo com segurança e sem receio de sofrerem punições. Infelizmente não foi possível conversar com os alunos em outro ambiente além da Escola, pois o regime da EsSA é de internato, assim não há como estabelecer uma comparação entre o conteúdo das entrevistas realizadas na instituição e outras realizadas fora dela.

As turmas vinham ainda acompanhadas do seu sargento. Com exceção de um único caso, a presença do sargento não inibiu os alunos; estes pareciam à vontade na presença do superior. Houve ainda um caso onde o sargento foi quem mais falou e incitou os alunos a falarem, principalmente a “denunciarem” os problemas da carreira. O anonimato afiançava revelações que muitas vezes beiravam a confissão, pois eram carregadas de pessoalidade, da exposição de emoções, de fraquezas que provavelmente não seriam reveladas a outros, fossem estes colegas de turma ou não. Como os cinco estudantes estavam se expondo, travou-se um pacto simbólico e tácito onde o que era dito naquela sala não sairia dela, afinal revelar o dito pelo colega a um terceiro era incorrer no risco de ter sua intimidade devassada pelo companheiro que também estava presente na entrevista. As entrevistas foram gravadas em todas as turmas com exceção da Artilharia, que disse sentir-se inibida com a presença do gravador. Neste caso, a maior utilização do caderno de campo foi imprescindível.

Acima foi dito que a pesquisa foi “monitorada” pela oficial de ligação que repassava ao coronel responsável pela parte pedagógica todo o andamento do trabalho. Contudo acredita-se que o objetivo não era interferir no andamento da pesquisa, pois em momento algum houve censura ou qualquer tentativa de retirar dos questionários as propostas iniciais de questionamento, mas sim de monitoramento do trabalho para verificar se estava a pesquisadora seguindo o roteiro entregue a EsSA.

A segunda visita a Escola foi muito satisfatória, tal qual a primeira. Nesta segunda etapa do trabalho houve menor resistência dos superiores para realizar a pesquisa. Um clima de confiança havia se estabelecido entre a escola e a pesquisadora.

A ida à escola ocorreu aproximadamente um mês antes de completar um ano da primeira visita à Escola. Assim como da primeira vez, a pesquisadora foi recebida pela

tenente, elo com os altos escalões da Escola, na rodoviária de Três Corações e levada ao hotel da EsSA, onde foi hospedada.

O general, apesar de ser renomado na Escola como enérgico e “mais bravo que o outro”, pareceu-lhe, ao contrário, mais simpático e solícito. Enquanto na primeira visita apenas foi apresentada ao general, com este novo comandante travou-se uma agradável conversação. Ficamos por volta de uma hora falando sobre a pesquisa, seus objetivos, a carreira do general e até sobre suas filhas.

Evidentemente houve uma sabatina. A impressão no início da conversa foi a de que o general, dada a pouca idade na época da pesquisa (dado que ele mesmo apontou), não imaginava que ela pudesse estar ali realizando uma observação séria, de forma que começou a testar seus conhecimentos sobre história do exército, patentes, hierarquia, entre outras questões, e deve ter chegado a conclusões positivas, pois, após esse primeiro quarto de hora em que esteve a questionar, a conversa fluiu agradavelmente e ele se mostrou muito solícito em ajudar com a pesquisa, fazendo inclusive a ressalva, ao fim da conversa, que apesar de possuir duas filhas da mesma idade, nenhuma havia se interessado pela carreira militar e que Atassio provavelmente entendia muito mais da vida na caserna do que elas, que conviviam diariamente com um pai militar.

Como era uma segunda visita, pode atentar para outros aspectos da instituição, além de manter todo o calendário anteriormente estipulado, com entrevistas realizadas da mesma maneira que na visita anterior. Uma das questões fundamentais foi a transformação do cotidiano da instituição com a troca de comando. Esse general instituiu uma nova forma de começar os dias na Escola: todos os dias ele realizava uma reunião com alguns comandos de áreas, chamada de “Bom Dia”. Os comandantes eram chamados mais de uma vez por semana a virem participar da reunião que durava em torno de meia hora, onde o general, além de tomar conhecimento do que se passava em cada repartição da EsSA, distribuía tarefas aos seus subordinados. Isso se apresentou como um aspecto positivo entre os subordinados, que interpretavam a reunião como um sinal de respeito do superior hierárquico com os subordinados e a instituição.

Voltar algumas vezes ao mesmo local, em diferentes contextos, foi instigante e respondeu muitas questões do projeto, além de suscitar novas indagações. Esse é um ponto importante na pesquisa de campo: quanto maior a vivência, mais dados para análise, no entanto, maior a necessidade de cuidado com a imparcialidade, uma vez que é impossível não ser emocionalmente atingido pela própria pesquisa e pelos pesquisados.

Neste momento, a curiosidade sobre signos, homenagens, tradições e outros aspectos simbólicos da instituição que eram repassados aos alunos e iriam compor o imaginário destes estava aguçado e a pesquisadora sentiu necessidade de expor tais questões de maneira mais clara e objetiva no texto.

Assim, para ilustrar o cotidiano da Escola, além de todos os itens acima mencionados, muitas imagens foram inseridas no texto. Elas não são apenas ilustrativas, mas também

explicativas. Aos leigos e aos que não conhecem a EsSA, a visualização do dito tornou o trabalho mais atrativo e dinâmico. De acordo com Campos (1996, p.278), desde Malinowski a Antropologia Visual tornou-se um instrumento de coleta, ordenação e interpretação de dados:

As fotografias, desenhos e pranchas são inseridos no corpo de seus livros como parte integrante dos textos e não apenas como apêndice ilustrativo. Não bastava falar sobre as populações da Melanésia, era necessário mostrá-las em seu cotidiano. As criações visuais assumem, em seus trabalhos, o status de fontes reveladoras das sociedades humanas em momentos diversos de sua história, mostrando suas formas de ser, vestir, suas expressões, posturas, aparências, assim como as diversas características culturais.

De tal monta, nesta segunda incursão, pôde captar aspectos antes não reportados na pesquisa e enriquecer a análise.

A terceira e última visita à EsSA ocorreu dois anos depois, por motivos que estavam além do seu alcance e foi revelador, pois o passeio pela EsSA como um todo mostrou um lado antes desconhecido. Na primeira visita foi guiada pela Tenente, seu elo na instituição, que deu ênfase aos monumentos históricos, ao pátio denominado “Pátio Sargento Max Wolff Filho” onde são realizadas formações e à parte interior da Escola. Desta vez, foi levada para a visita guiada por um soldado que serve temporariamente na EsSA, motivo pelo qual a perspectiva da visita mudou amplamente.

Desta vez não foi (re)conhecer estátuas e ilustrações de figuras históricas representativas ao Exército; o mundo que foi descortinado era o mundo do dia a dia, o cotidiano daqueles que servem na Escola e dos alunos; a perspectiva da “ralação”, como os alunos diziam, representada pelos aparelhos de ginástica, campos de jogos e treinos, pelos cavalos – que, de acordo com o nosso “guia”, estavam vivendo um momento privilegiado pois a cavalaria era a arma do atual general comandante da Escola.

Essa terceira visita à Escola implicou em distintas avaliações para o olhar do oficial (ou seria melhor dizer o olhar oficial?) e o olhar do soldado, daquele que passa o dia vivendo a EsSA na prática e não tem pretensões de cooptar simpatia e apoio da pesquisadora. Nesta análise, ficou claro que a visão oficial da Escola é muito distinta daquela que os praças e os alunos possuem do local. Enquanto oficialmente a ênfase é dada em monumentos e na parte histórica da EsSA, os alunos e soldados preferem relatar o cotidiano, que envolve muita atividade física, aulas e principalmente a parte prática do aprendizado. Mais uma vez, ressaltou a importância das conversas e da vivência com o objeto de estudo em trabalhos que envolvem instituições totais. A partir destas vivências e entrevistas, pôde constatar que há uma história oficial e uma oficiosa da instituição – que ainda precisa ser desvendada – bem como diferentes ordenações do “mundo EsSA”, dependendo dos olhos de quem olha, ou melhor, da situação militar ocupada dentro da instituição pelo indivíduo que narra o cotidiano, símbolos, signos e tradições.

Sem dúvida, este capítulo é o mais instigante da tese. É a partir dele que os

dados estatísticos que haviam sido apresentados anteriormente deixam de ser apenas números para se transformarem em realidade. As entrevistas foram essenciais para que descobríssemos quem realmente são, o que pensam, sentem, desejam os futuros sargentos do EB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande mérito da tese precisa ser atribuído à utilização dos métodos mistos. Jamais seria possível alcançar os objetivos propostos pelo projeto se não houvesse esse mix entre dados estatísticos, entrevistas, pesquisa de campo e bibliográfica. Cada parte da tese foi sendo complementada e constituída pela somatória das técnicas de pesquisa, pelas vastas possibilidades de abordar, sob prismas distintos, o mesmo objeto.

Não consideramos em hipótese alguma que o trabalho responde à todas as questões sobre sargentos, pelo contrário, o ineditismo do tema possibilitou que, junto com cada resposta e descoberta, nascessem ainda muitas perguntas. O trabalho foi apenas o início de um campo de pesquisa que precisa ser ampla e profundamente estudado. A tese, com a certeza, contribui para que uma parcela significativa e importante do exército tenha se tornado mais conhecida, todavia, espero que esse estudo seja um estímulo para os pesquisadores que buscam desvendar o mundo da caserna e que, como eu, não cessam na busca por respostas às várias questões ainda pendente quando o assunto é militar e jamais se atenam à limitações metodológicas para a busca de seus objetivos.

Para tanto, é imprescindível que os cursos de graduações e as pós-graduações enfatizem a necessidade do conhecimento profundo sobre várias metodologias e garantam ao pesquisador ou futuro pesquisador o arcabouço teórico-metodológico necessário com o objetivo de produzir, cada vez mais, pesquisas de grande profundidade e qualidade, tornando as Ciências Sociais no Brasil robustas e competitivas para publicações internacionais.

REFERÊNCIAS

ATASSIO, Aline Prado. **A formação profissional dos militares e a lógica da distinção** hierárquica. Saberes em Perspectiva, v. 5, p. 1-12, 2015.

..... **A Escola de Sargento das Armas: Um estudo sociopolítico sobre a formação de praças do Exército.** Tese de doutorado. UFSCar, 2012.

..... **A base da pirâmide: quem são e o que pensam os praças do Exército Brasileiro.** Caxambú, 32º Encontro Anual da Anpocs, 2008.

BERGER, Peter. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade; tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1978.

- BIASOLI-ALVES, Zélia M. "A pesquisa em Psicologia; análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico". In: _____ & ROMANELLI, Geraldo. (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. (p. 135-157).
- BONNEVITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007A
 **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007b
- BRYMAN, A.; BELL, E. **Business research methods (2nd ed)**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- CAMPOS, Sandra Maria C.T.L. **A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, (5: 275-286, 1996.
- CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTRO, Celso. **O Espírito militar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- COELHO, Edmundo C. **A instituição militar no Brasil; um ensaio bibliográfico**. BIB N° 19. Rio de Janeiro, 1985.
- CORACINI, Maria José R. Faria. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2007.
- CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2012.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo; ou como ter 'Anthropological Blues'. In NUNES, Edson O. (org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social** (pp.2-35). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo, Cia das Letras, 2002.
- FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª Edição São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O soldado e o Estado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1996.
- JANOWITZ, Morris. **The professional soldier; a social and political portrait**. New York: Free Press, 1971.

KAËS, René. **A Instituição e as instituições: estudos psicanalíticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KAHN, J. S. **El concepto de cultura; textos fundamentales**. Barcelona: Anagrama, 1975

LEIRNER, Piero de Camargo. **Meia-volta volver**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1997a.

..... "A Pesquisa de Campo com Militares: algumas questões metodológicas". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Nº 34, São Paulo, Anpocs, 1997b.

LOURENÇÃO, Humberto J.; MUNIZ, Monalisa. "A constituição da subjetividade militar em cadetes da Academia da Força Aérea (AFA)". *Revista Sul Americana de Psicologia*. ISSN: 2318-650X . V. 1, Nº 2, Ago/Dez, 2013. p. 114-133.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARTINS FILHO, João Roberto. **O governo Fernando Henrique e as Forças Armadas: um passo pra frente dois Passo Atrás**. Revista Olhar. Ano 02, N. 4, Dez. 2000

MICELI, Sergio. **História das Ciências Sociais no Brasil I**. São Paulo: Vértice, 1989.

MINAYO, Maria C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORGAN, D. Paradigms Lost and Pragmatism Regained, Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. **Journal of Mixed Methods Research**. January 2007 vol. 1 no. 1 48-76.

OLIVEIRA, Sérgio de Freitas. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação**. [S.l.], v. 6, n. 1, mar. 2015. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9182>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PARANHOS, Ranulfo. **Uma introdução aos métodos mistos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 18, no 42, mai/ago 2016, p. 384-411.

ROMANELLI, Geraldo. "A entrevista antropológica: troca e alteridade". In ROMANELLI, Geraldo & Z. M. BIASOLI-ALVES (org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa** (pp. 119-133). Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

ROSA, Alexandre R.; BRITO, Mozar J. "Corpo e Alma" nas organizações: um estudo sobre dominação e construção social dos corpos na organização militar. **Rev. adm. contemp**. Curitiba, v. 14, n. 2, Apr. 2010 .

SPINK, Mary Jane P. "O estudo empírico das Representações Sociais". In: _____. SPINK, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano; as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.85-106.

TILLY, Charles. **Coerção, Capital e Estados Europeus (1990-1992)**. São Paulo: Edusp, 1996.

WACHELKE, João Fernando Rech. A estatística para pesquisadores. **Psicol. estud.** vol.11 no.2 Maringá May/Aug. 2006.